

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

Juliano Rosa de Castro

O QUE APRENDER COM A COBERTURA DO CASO KISS?

Santa Maria, RS
2018

Juliano Rosa de Castro

O QUE APRENDER COM A COBERTURA DO CASO KISS?

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Amaral

Coorientadora: Ma. Juliana Motta

Santa Maria, RS
2018

Juliano Rosa de Castro

O QUE APRENDER COM A COBERTURA DO CASO KISS?

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.**

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

Márcia Amaral, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Juliana Motta, Ma. (UFSM)
(Coorientadora)

Anaqueli Rubin, Ma. (UFSM)

Marilice Daronco, Ma. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

Aos pais, mães, familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos das vítimas da tragédia de Santa Maria, que esperam há quase 6 anos para que justiça seja feita nesta que é uma das maiores atrocidades da história deste país.

AGRADECIMENTOS

Mesmo em meio a situações desafiadoras, fui ensinado, desde muito cedo, lá no Alegrete, que um coração agradecido precede uma vida realizada. Dessa forma, agradeço, em primeiro lugar, à força imprescindível, constante e diária de Deus na minha existência. Também agradeço:

- aos meus pais, Luciana e Romário, por acreditarem e confiarem em meu objetivo de ganhar a vida contando histórias. À minha mãe, mais uma vez, por todo o apoio incansável e quase que onipresente desde o dia em que abri os olhos, e também por ter vindo morar em Santa Maria durante o período da graduação;

- à minha avó Palmira, por todas as vezes que me incentivou a acreditar na força do relato;

- à TV Campus da Universidade Federal de Santa Maria que me aceitou na primeira semana de faculdade e me ajudou fundamentalmente a experimentar grandes oportunidades no universo do audiovisual e da televisão;

- aos amigos da RBS TV Santa Maria pela confiança, incentivo e por me lembrarem a cada dia o quanto acredito nesse universo e na importância da causa da televisão como veículo capaz de suggestionar à sociedade um ponto de partida ou chegada para as situações que nos cercam;

- à orientadora deste trabalho, professora Márcia Amaral, por ter me feito pensar o jornalismo de uma forma que ainda não havia pensando antes de entrar no curso, pelo jeito feroz com que pensa a importância dessa profissão, e por acreditar neste projeto;

- à Juliana Motta por ser uma referência na checagem, na apuração e na minuciosa atenção ao significado que cada palavra pode trazer a um texto. Além disso, à sua integral disposição e empatia neste trabalho. Sou teu fã, Ju;

- à Anaqueli Rubin por todo o apoio, energia, parceria e por ter compartilhado comigo seus projetos durante este período de graduação;

- ao professor Luciano Mattana pela ajuda no entendimento de qual era a viabilidade deste trabalho;

- a todos os amigos que Santa Maria me deu;

- e a todos aqueles que acreditam no presente e no futuro do jornalismo.

“Jornalista não é aquele que toca na banda, é o que vê a banda passar.”

(Joel Silveira)

RESUMO

O QUE APRENDER COM A COBERTURA DO CASO KISS?

AUTOR: JULIANO CASTRO
ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Márcia Amaral
COORIENTADORA: Ma. Juliana Motta

A proposta deste projeto experimental foi desenvolver um material audiovisual, denominado por nós como “vídeos de celular”, produzido com *smartphone* e pensado para a circulação em redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. O tema central dos cinco vídeos foi a experiência dos profissionais que atuaram na cobertura do incêndio da boate Kiss, ocorrido em Santa Maria (2013). “O que aprender com a cobertura do caso Kiss” também teve o objetivo de divulgar a estudantes e profissionais que ainda não atuaram em coberturas desse tipo, os desafios enfrentados e os aprendizados propiciados pela tragédia aos profissionais. Por outro lado, também buscamos ouvir o impacto do jornalismo nos pais das vítimas, já que esses foram transformados em fontes no pior momento de suas vidas. O aporte teórico passa pelo aspecto do jornalista como testemunha (SODRÉ, 2009); o testemunho na cobertura de tragédias (AMARAL, 2013); e o jornalismo móvel (PAIVA; NETO e SANTOS, 2016). A produção mostrou o quanto a cobertura desse fato impactou nas rotinas das redações, na vida dos profissionais e também no cotidiano de quem foi envolvido na cobertura. Ao final, apontamos as limitações decorrentes da experimentação de gravação com *smartphone*, além de identificarmos os principais desafios, aprendizados e sugestões dos jornalistas a partir da cobertura da tragédia de Santa Maria.

Palavras-chave: Cobertura de tragédias. Testemunho. Jornalismo móvel. Vídeos de celular.

ABSTRACT

WHAT TO LEARN ABOUT KISS CASE COVERAGE?

AUTHOR: JULIANO CASTRO
ORIENTER: Prof^a. Dr^a. Márcia Amaral
COORIENTATOR: Ma. Juliana Motta

The proposal of this experimental project was to develop an audiovisual material, called by us as "mobile videos", produced with smartphone and thought for circulation in social networks and instant messaging applications. The central theme of the five videos was the experience of the professionals who worked on the cover of the fire at the Kiss nightclub, held in Santa Maria (2013). "What to learn from the coverage of the Kiss case" also aimed to spread to students and professionals who have not worked on such coverages, the challenges faced and the lessons learned from the tragedy to professionals. On the other hand, we also sought to hear the impact of journalism on the parents of the victims, as they were transformed into sources at the worst moment of their lives. The theoretical contribution goes through the journalist's appearance as a witness (SODRÉ, 2009); the testimony in the coverage of tragedies (AMARAL, 2013); and mobile journalism (PAIVA; NETO and SANTOS, 2016). The production showed how much the coverage of this fact impacted the writing routines, the life of the professionals and also the daily life of those who were involved in the coverage. At the end, we pointed out the limitations resulting from the experimentation of recording with smartphone, besides identifying the main challenges, learning and suggestions of the journalists from the coverage of the tragedy of Santa Maria.

Keywords: Coverage of tragedies. Testimony. Mobile Journalism. Mobile videos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Plano de entrevista com enquadramento fechado.....	27
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	ASPECTO TESTEMUNHAL: O JORNALISTA COMO TESTEMUNHA	13
2.2	O TESTEMUNHO NA COBERTURA DE TRAGÉDIAS	14
2.3	JORNALISMO MÓVEL	16
3	CONSTRUÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL	19
3.1	ENFOQUE EXPERIMENTAL	19
3.2	ETAPAS DO PROJETO EXPERIMENTAL	20
3.3	PRODUÇÃO DOS VÍDEOS	21
3.3.1	Captação de vídeo e som	22
3.3.2	Edição de texto e vídeo	22
3.4	OS ENTREVISTADOS	22
3.4.1	Carolina Carvalho	23
3.4.2	Elisângela Mortari	23
3.4.3	Juliana Motta	23
3.4.4	Oneide Moura	23
3.4.5	Ligiane Righi e Flávio Silva	24
4	O QUE APRENDER COM A COBERTURA DO CASO KISS?	25
4.1	REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO	25
4.2	O QUE PODEMOS APRENDER COM A COBERTURA	29
4.2.1	A necessidade de aprendizado na academia	30
4.2.2	A importância das experiências anteriores	30
4.2.3	Desafios durante a cobertura	30
4.2.4	Cuidados e respeito com os entrevistados	31
4.2.5	Impacto da tragédia nos entrevistados	32
4.2.6	O que, afinal, aprendemos?	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Uma casa noturna foi palco de uma das maiores tragédias do Brasil, na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. O incêndio na Boate Kiss, que matou 242 pessoas e deixou outras 600 feridas, rapidamente foi destaque na imprensa mundial. As primeiras informações, a atualização em tempo real do número de mortos e feridos, o enterro das vítimas e até as questões de investigações do caso foram veiculados por meio da narrativa de repórteres do mundo inteiro, que presenciaram as cenas de desespero na cidade.

Relatar o caos de Santa Maria para milhões de pessoas foi um desafio tão grande que, mesmo cinco anos após a tragédia, os profissionais da imprensa ainda recordam da cobertura como um dos trabalhos mais impressionantes de suas carreiras. Entre tantas adversidades, chamamos a atenção para uma em especial: equilibrar as emoções pessoais, normalmente exacerbadas em uma situação de tragédia; e, ao mesmo tempo, apurar os fatos no menor tempo possível.

Do ponto de vista acadêmico, as análises acerca do incêndio na Boate Kiss têm se mostrado de grande relevância para a produção de conhecimento em diferentes áreas. No jornalismo, nosso interesse de pesquisa, consideramos que os estudos sobre o caso também podem trazer à tona desafios profissionais não discutidos na prática jornalística diária, propiciar reflexões e até mesmo resultar em um possível aprimoramento das rotinas produtivas na cobertura de tragédias.

Entre os estudos sobre o caso Kiss, destacamos o e-book “Midiatização da Tragédia de Santa Maria”¹, organizado por Silveira (2014), que apresenta 18 capítulos escritos por 27 autores de dez diferentes instituições de pesquisa, sendo dois de fora do país. Três anos após o lançamento, o e-book foi revisado e publicado na versão impressa por Silveira (2018). O volume dois da obra, organizado por Silveira e Schwartz (2018), também foi lançado, com o título de “Midiatização da Tragédia de Santa Maria: a construção de relato em meio ao caos”. Desta vez, com o objetivo de preservar a memória da cobertura, o enfoque foi o relato dos jornalistas que trabalharam na tragédia. Doze profissionais contaram os principais desafios

¹ O e-book “Midiatização da Tragédia de Santa Maria” está disponível em: https://comunicacaoeidentidades.files.wordpress.com/2014/01/midiatizacao_da_tragedia_de_santa_maria_facos-ufsm-1-atualizado.pdf

enfrentados na cobertura.

A obra “Todo o dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss” da jornalista Daniela Arbex (2018), também foi uma de nossas referências. No livro, a autora aborda o incêndio da boate Kiss a partir da perspectiva dos familiares das vítimas e dos profissionais que trabalharam na tragédia.

Outra referência é a dissertação “Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss” (MOTTA, 2016). O estudo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), levou em conta a complexidade do trabalho jornalístico em um momento de tensão e a necessidade de construir narrativas em tempo real. A pesquisa analisou a participação dos testemunhos e suas contribuições para a construção do discurso jornalístico. As reflexões foram realizadas a partir da cobertura da Rede Globo e sua afiliada RBS TV, nos primeiros três dias de cobertura.

Percebemos que as proposições das obras são capazes de instigar reflexões e aprendizados acerca da cobertura de tragédias. Acontecimentos como o incêndio em Santa Maria levam-nos a pensar sobre o preparo profissional e emocional de quem trabalha na área da comunicação para lidar com eventos de grande impacto. Por outro lado, ponderamos que, com exceção do livro de Arbex, talvez, as outras obras ainda fiquem restritas aos repositórios acadêmicos e não cheguem aos jornalistas que atuam no mercado de trabalho – tão envolvidos com suas rotinas profissionais diárias. Por isso, acreditamos que um produto audiovisual que reúna as entrevistas sobre as vivências da cobertura jornalística da tragédia de Santa Maria é um importante registro histórico das impressões e métodos utilizados por esses profissionais que foram testemunhas oculares da situação. Além disso, consideramos que esse aspecto testemunhal de “alguém que teve a experiência directa e imediata de um acontecimento ou de um fenómeno e que a comunica a outra pessoa que não teve a mesma experiência directa e imediata” (RODRIGUES, 1997, p.01), possa representar uma forma de produção de conhecimento para os estudantes ou até mesmo profissionais que já estão no mercado, mas que nunca passaram por uma cobertura de tragédia.

Este projeto experimental consistiu no desenvolvimento de um produto audiovisual feito no celular, para ser consumido também no celular, realizado a partir de entrevistas com os profissionais da imprensa que trabalharam na cobertura

jornalística da tragédia da boate Kiss, em Santa Maria. Além disso, também há um vídeo com um casal de pais de uma vítima fatal do incêndio. Eles falam acerca do relacionamento de familiares com os jornalistas que trabalharam nesta cobertura.

Como objetivos, temos: valorizar a experiência dos profissionais locais que cobriram a tragédia como forma de aprendizado e conhecimento; compreender como foi o processo de produção, apuração e realização da cobertura jornalística da tragédia de Santa Maria; levantar quais foram as dificuldades e aprendizados dos profissionais durante a cobertura, principalmente em relação à apuração das informações e contato com as fontes; entender de que maneira um profissional de comunicação pode equilibrar a emoção pessoal frente a uma situação de caos como a observada no caso da tragédia na Boate Kiss; auxiliar alunos de comunicação e profissionais na reflexão sobre os desafios dos grandes acontecimentos trágicos; e, por fim, experimentar um formato audiovisual captado com celular e consumido também nos aparelhos.

A possibilidade de produzir os vídeos a partir da visão dos jornalistas e dar visibilidade ao trabalho de quem integrou as equipes de reportagem também se configura como uma experiência prática e acadêmica sobre as rotinas de produção do audiovisual, da entrevista e da reportagem. Ademais, destacar as práticas do profissional da comunicação como sujeito testemunhal dos fatos confere ao trabalho um campo de diálogo com o registro histórico das produções realizadas durante a tragédia, além de um auxílio às equipes de comunicação que ainda não viveram tal experiência. Além disso, acreditamos que trabalhar com os vídeos de celular é uma experiência importante dentro dos estudos de jornalismo móvel - principalmente no que se refere à difusão de conteúdos da área pela internet.

Nosso trabalho está dividido em três partes. No referencial teórico, discutimos o a importância do aspecto testemunhal na construção do relato jornalístico (SODRÉ, 2009); (AMARAL, 2013), e o jornalismo móvel e as inovações acerca do jornalismo móvel (PAIVA; NETO e SANTOS, 2016). Em seguida, refletimos sobre as etapas de construção do projeto experimental, a produção e segmentação dos vídeos e a apresentação dos entrevistados. Por fim, apresentamos as reflexões sobre o produto e as considerações que os jornalistas fizeram aos novos profissionais sobre como agir em situações de caos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ASPECTO TESTEMUNHAL – O JORNALISTA COMO TESTEMUNHA

O aspecto testemunhal na construção do relato jornalístico é, segundo Peres (2016), central nas narrativas midiáticas. O testemunho não só faz parte, como também é um fator de extrema importância na construção de narrativas em coberturas jornalísticas. Para Sodré (2009),

Ser testemunha é assistir a um acontecimento, ter em consequência um acesso direto, imediato ao que se está produzindo. O fato de estar presente no lugar confere à testemunha direitos orais e direitos à comunicação. Histor (de onde deriva a palavra história) é como o antigo grego designava a testemunha, aquele que, por ter visto o acontecimento, investia-se no direito de narrar (SODRÉ, 2009, p. 48).

Na maioria das vezes, esse tipo de relato vem por parte das fontes. No entanto, em algumas situações – no caso das tragédias, por exemplo – é comum que o jornalista assuma o papel testemunhal. O jornalista é testemunha na medida em que presencia os fatos e as consequências deles, mesmo que “contrariando a lógica de uma imprensa hegemônica pautada pela objetividade” (PERES, 2016, p. 92). A decisão de ancorar o relato jornalístico no testemunho é uma escolha que precisa ser tomada no local do acontecimento e, muitas vezes, instantaneamente. Pensando na instabilidade das informações e na dificuldade de apuração, em especial nas primeiras horas da cobertura de tragédia, o testemunho do repórter torna-se uma alternativa para contornar as dificuldades inerentes a esse tipo de cobertura (MOTTA, 2016).

Selligman-Silva (2005, p. 83) considera o ato de testemunhar uma necessidade absoluta, uma atividade elementar que desencadeia, naqueles que passaram por um grande trauma, uma “carência absoluta de narrar”. Ainda que o autor se refira aos sobreviventes de grandes acontecimentos, como guerras e genocídios, compreendemos que a perspectiva nos ajuda a refletir sobre o testemunho do jornalista. Especificamente pensando na prática jornalística, Peres (2016) pontua a existência de pactos entre o profissional da comunicação, suas fontes e quem recebe a informação, nos quais o jornalista receberia uma espécie de

autorização por parte de quem o acompanha para veicular suas impressões acerca do acontecimento.

Contemporaneamente, o trabalho da construção da narrativa é baseado no relato das fontes. No entanto, como salienta Casadei (2014), no início do século XX, a função testemunhal cabia ao jornalista. Nesse sentido a ação de noticiar os fatos embasados naquilo que o repórter presencia não deve ser considerado como um segmento a parte dentro do fazer jornalístico, já que

Dizer que o repórter foi testemunha dos fatos ou convocar um terceiro como fonte para dar um testemunho sobre determinado tema ou acontecimento são ideias que parecem já estar internalizadas ao que se entende socialmente como jornalismo (LEAL; LAGE, 2015, p. 5).

Dessa forma, quando o jornalista tem a vivência do acontecimento, “não nos parece estranho, portanto, que em alguns casos ele possa assumir uma retórica que é comumente associada à figura da testemunha” (LEAL; LAGE, 2015, p.4). Para John Durham Peters (2009),

a condição de “ter estado presente” é justamente aquilo que garante ao testemunho a sua força argumentativa. A presença corpórea do sujeito na cena do acontecimento seria, portanto, seu principal elemento fiduciário, uma espécie de “prova” de que ele realmente “esteve lá” (LEAL; LAGE, 2015, p. 5 *apud* PETERS 2009).

Dessa forma, compreendemos a importância do relato testemunhal dos jornalistas, especialmente nas coberturas de tragédias. É sobre esse aspecto que refletiremos a seguir.

2.2 O TESTEMUNHO NA COBERTURA DE TRAGÉDIAS

De acordo com Serelle (2009), há um movimento maior da presença de repórteres como narradores e testemunhas dos acontecimentos. A oportunidade de dizer o que se está sentindo ou presenciando ganha força principalmente nas coberturas de tragédias, já que nas produções cotidianas ainda prevalecem os ideais de imparcialidade e objetividade que seguem “como traço da narrativa jornalística, até porque nenhum outro conceito emergiu, ainda, com força suficiente para substituí-la como norte” (SERELLE, 2009, p. 7).

No caso da cobertura da tragédia na boate Kiss, em Santa Maria, é possível notar com clareza a postura do jornalista como testemunha. Durante entradas ao vivo e reportagens, foi possível notar com frequência as expressões “eu senti”, “me toca profundamente”, “nos emociona”, “notamos uma situação desoladora na cidade”, dentre outras. Ficam evidentes os relatos testemunhais daquilo que os jornalistas estavam vivenciando naquele momento. Como afirma Serelle,

embora estas sejam, ainda, manifestações um tanto pontuais para constituírem tendência, concebe um modo de relação com a circunstância em que o sujeito, implicado naquilo que conta, confere ao relato o efeito de verdade principalmente pelo testemunho, desvelando, pela assunção da subjetividade e da afetividade, filigranas do outro, que normalmente escapam à percepção objetiva, e, por vezes, reivindicando, de modo engajado, a intervenção na realidade imediata (SERELLE, 2009, p. 2).

Ainda que o jornalista sempre cumpra o papel de mediador entre os acontecimentos e a audiência, compreendemos que durante as coberturas de tragédias essa função ganha outros contornos, especialmente a partir da consideração de questões como o envolvimento do jornalista com a situação de trauma e o seu relato a partir da vivência no acontecimento.

É comum que os conteúdos veiculados sobre catástrofes tenham um tom testemunhal. Para contemplar essa lógica de produção, os profissionais buscam por quem presenciou os acontecimentos com o objetivo de reconfigurar os acontecimentos. E é justamente durante essa busca – ao lado do clima da tragédia ainda instaurado - que muitos repórteres optam por passar suas impressões dos fatos em tempo real. Isto é, o repórter assume o papel de testemunha, justamente pelo fato de estar no local durante o evento. Exemplos disso estão em boletins ao vivo ou textos de reportagens em que o repórter, mesmo não sendo vítima nem tendo vivido diretamente a situação traumática, assume este lugar por chegar “no calor dos acontecimentos”, conforme Amaral (2013, p. 4), que também salienta que

É constitutivo do jornalismo que sua narração tenha um teor testemunhal, garantido por seu *habitus* profissional e seu contrato com o leitor. Também podemos observar que, muitas vezes, a experiência aparece relatada numa mescla entre o testemunho do repórter e o testemunho das vítimas (em trechos com citações literais ou não literais).

Além disso, o que acarreta peso no testemunho do jornalista, em situações de catástrofes, fora a carga emocional existente, é a própria eminência de ele “se tornar uma das vítimas também”, segundo Amaral (2013, p. 5). A narrativa, muitas vezes em tempo real do acontecimento, denota a realidade dos fatos, porém ainda em evidencia a questão que

O jornalista ocupa o lugar de testemunha, mas trata-se de um tipo de testemunho específico que se utiliza do poder também de organizar a narração, escolher quem fala, o que fala e como fala. Evidentemente, quanto maior é a tragédia, mais marcas de testemunho similares às das vítimas estarão presentes no discurso do jornalista. Assim, o teor testemunhal pode estar presente também em declarações de outros tipos de fontes [...] (AMARAL, 2013, p. 5).

Sendo assim, é possível perceber a importância da busca jornalística por relatos que deem a dimensão dos acontecimentos. Relatos que hoje podem ser captados de forma simples e projetados ao mundo.

2.3 JORNALISMO MÓVEL

Com o acesso diário da internet por milhões de pessoas pelo mundo, foi natural que o jornalismo se valesse desse meio para veiculação de seu conteúdo na rede mundial de computadores. Por outro lado, o terreno que já era fértil se ampliou em larga medida com a chegada da internet nos dispositivos móveis como os celulares. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), são 116 milhões de pessoas conectadas à internet no Brasil. Já a Agência Nacional de Telecomunicação aponta que existem 283,4 milhões de celulares no país. Isso significa que grande parte dos brasileiros está conectada pelos *smartphones*, e, por consequência, informa-se pelas redes digitais que têm como característica o dinamismo e a rapidez na interação.

Em função de toda essa conexão em larga escala, não só as empresas de jornalismo como também iniciativas individuais têm surgido para ocupar o ambiente online e difundir suas informações. Atualmente, qualquer pessoa que possua um *smartphone* pode acessar conteúdos em tempo real, por exemplo. Ação que dialoga com o que atualmente chamamos de “jornalismo móvel”. Esse contexto digital fez

com que o modo de fazer jornalismo, muitas vezes, fosse modificado de forma a se adaptar a essa nova plataforma.

Definimos jornalismo móvel como o jornalismo baseado no uso de dispositivos portáteis multimídia no contexto móvel com a finalidade de recuperar, apurar, capturar, produzir e/ou editar tanto quanto para enviar de forma remota sem fio e/ou publicar material jornalístico como texto, fotos, áudio, vídeo ou o misto destes recursos. Idealmente todas essas atividades podem ser realizadas com um único aparelho. (VÄÄTÄJÄ; MÄNNISTÖ; VAINIO e JOKELA, 2009, p.179).

A denominação dessa forma de produzir jornalismo também é importante de ser ponderada. Existem diferentes maneiras de identificar esse modo de noticiar, como “jornalismo 3G” (AZAMBUJA, 2009, 2010) e “Jornalismo de bolso” (BRAGINSKI, 2004). Seja qual for o termo utilizado, fato é que todos remetem à produção de conteúdo com o *smartphone* – os grandes mecanismos da produção de reportagens desses novos tempos.

O smartphone não é um armazenador. Ou seja, quanto mais curtos forem os vídeos, quanto mais ágil e sintetizador for o repórter, melhor será o produto final. É preciso desenvolver o desapego ao próprio material concebido. Pouco ou nada do material bruto fica no smartphone. Tudo é feito para ser “upado” na grande rede. O celular se transforma em um catalizador do fazer jornalístico, um processador de informação audiovisual, ou melhor, o novo canivete suíço do jornalista do século XXI; e o reportágil figura como um jeito novo de elevar ainda mais o potencial de uso dos dispositivos móveis para o ofício jornalístico. Estudá-lo é relevante para compreender a que caminhos a convergência tecnológica levará o Jornalismo no futuro (PAIVA; NETO e SANTOS, 2016, p. 88).

Com tanta tecnologia, as equipes de reportagens têm o desafio de se adaptar aos padrões de transmissão mais leves, enxutos e dinâmicos. No entanto, mesmo com tanta mobilidade, é possível observar que o conteúdo, as fontes e o objetivo do trabalho seguiram praticamente inalterados, quando comparados ao rádio e a uma emissora de televisão, como lembram Paiva, Neto e Santos (2016), ao afirmarem que o real avanço na pesquisa sobre o jornalismo móvel está na aplicação do direcionamento à

verdadeira central da produção da notícia: o ser humano, o profissional, o jornalista, que sai de uma zona de conforto embasada por séculos de convenções jornalísticas para se adaptar a uma tela sensível ao toque de cinco polegadas de altura por duas de largura. (PAIVA; NETO e SANTOS, 2016, p. 95).

Nesse cenário, é possível observar que os jornalistas também tiveram que adaptar suas formas de trabalho e até mesmo o conteúdo que optam por veicular, para os formatos móveis. A diferença é que no estilo tradicional esses profissionais precisavam estar alinhados a um padrão de captação de vídeo e áudio para contemplar um formato tradicional aos moldes do que sempre se via no cinema e na televisão. Com a mobilidade, em muitos casos, são os próprios profissionais que gravam os vídeos e áudios. São produções que se preocupam, primordialmente, com a importância do relato, abrindo mão de especificidades técnicas, por exemplo. Neste caso, é papel do próprio jornalista captar o conteúdo da entrevista e o enquadramento do vídeo. Já o trabalho de repensar o conteúdo está no fato de que esses vídeos móveis têm uma linguagem mais informal, um tempo reduzido – quando comparado ao das produções tradicionais – e uma edição mais dinâmica que prioriza cortes rápidos para a conclusão das ideias do entrevistado. Ações de trabalho que têm sido usadas em larga escala na internet e até mesmo na própria televisão.

3 CONSTRUÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL

Neste capítulo abordaremos as especificidades do desenvolvimento do projeto, como o enfoque experimental e as etapas do processo de execução. Também apresentaremos os entrevistados e a relação deles com a tragédia na boate Kiss.

3.1 ENFOQUE EXPERIMENTAL

O projeto experimental consistiu no desenvolvimento de um produto audiovisual, denominado por nós como “vídeos de celular”, realizado a partir de entrevistas com os profissionais da imprensa que trabalharam na cobertura jornalística da tragédia da Boate Kiss, em Santa Maria.

O aspecto de experimentação está, principalmente, no modo de produção e de veiculação deste trabalho. Nossa proposta era gravar e editar todo o material com dispositivo móvel, no caso, com um *smartphone*. Também planejamos que os vídeos possam circular por aplicativos de mensagens instantâneas, redes sociais e sites que abordem a temática. Além disso, é importante salientar que o conteúdo do trabalho a que nos propomos desenvolver, geralmente, é encontrado em livros, e-books ou em documentários, cuja circulação é mais restrita. Por isso, compreendemos que este ponto também se configura como experimental em nosso projeto.

O material audiovisual é dividido em 5 partes. Ancorados por um assunto principal, por meio da realização de entrevistas com esses profissionais, buscamos apresentar em cada vídeo o ponto de vista de um comunicador acerca de um quesito específico de seu trabalho nesta cobertura. Um profissional que tenha trabalhado neste caso em uma assessoria de imprensa, por exemplo, fala sobre sua relação com os veículos de comunicação do mundo inteiro que buscavam informações. Nos outros vídeos abordamos a relação dos jornalistas com as fontes, os registros de uma tragédia, a cobertura ao vivo dos acontecimentos, dentre outros assuntos que foram estipulados após a entrevista com os profissionais. Um dos vídeos também traz o ponto de vista dos pais de uma das vítimas, acerca da atuação dos profissionais na cobertura da Kiss.

Uma das principais características desse produto é ser captado na orientação vertical – algo que não é visto com frequência na produção audiovisual jornalística. O objetivo é que a experiência seja maximizada em assistir a um vídeo em tela cheia e na vertical em celulares ou em outros dispositivos móveis. Essa opção implicou outras questões técnicas que explicaremos nas reflexões após o desenvolvimento do produto.

3.2 ETAPAS DO PROJETO EXPERIMENTAL

Em um primeiro momento, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre os temas que serviram de base teórica ao nosso produto: experiência e testemunho, cobertura de tragédias, e jornalismo móvel.

Posteriormente, fizemos um mapeamento dos profissionais que foram entrevistados como fontes de nosso produto. Usamos como base o livro “Midiatização da Tragédia de Santa Maria: A construção de relatos em meio ao caos” organizado por Silveira (2018) e Schwartz (2018), que priorizou a entrevista de profissionais dos veículos presentes em Santa Maria durante o acontecimento e seus relatos a partir da rotina dessa cobertura. Além disso, usamos como critério o grau de envolvimento do profissional com a cobertura a partir das peculiaridades de sua atuação e veículo, além da disponibilidade em falar.

A participação dos entrevistados foi fundamental na construção da narrativa do produto. De cada entrevista, obtivemos informações sobre os aprendizados com a cobertura, o impacto emocional sentido durante o trabalho, o sentimento que permaneceu nos dias que sucederam o incêndio, dentre outros temas correlacionados.

Nesse cenário, também optamos por acrescentar na série de vídeos outros dois pontos de vista. O primeiro, de pais que foram diretamente afetados pelos trabalhos dos jornalistas; já o segundo, vem da então coordenadora geral da área de comunicação da UFSM, que atendeu, na época, aos pedidos de repórteres do Brasil e do mundo inteiro.

Após essa etapa, partimos para as definições a respeito da estruturação do trabalho, isto é, os formatos e as possíveis inovações considerando a circulação em ambiente móvel - provavelmente redes sociais e aplicativos de mensagens

instantâneas. O processo de construção do produto passou pelas seguintes etapas: a) produção: contato, conversas prévias e agendamentos de entrevistas; b) pré-roteirização: elaboração preliminar da organização dos conteúdos e recursos audiovisuais a serem utilizados; c) captação: gravação das entrevistas e imagens de apoio; d) pós-produção: transcrição das entrevistas e seleção dos trechos a serem veiculados nos vídeos. Após isso, fizemos, novamente, a roteirização a partir do material captado, e, por fim, a edição.

O conteúdo audiovisual aqui desenvolvido parte da necessidade de evidenciar quais foram os desafios em cobrir o drama de uma cidade e dar conta da busca por notícias sobre o incêndio na boate Kiss. Ponderamos que nas coberturas de tragédias, as rotinas produtivas são modificadas pela urgência da transmissão ao vivo (MOTTA, 2016), sendo os profissionais levados a tomar decisões muito rapidamente. Por isso, consideramos necessário refletir sobre as práticas profissionais dessa cobertura. Nesse sentido, questionamos também a preparação profissional para cobrir uma tragédia. Quais são as cargas emocionais que um profissional da imprensa carrega após um trabalho como esse? De que maneira é possível, a partir desses eventos, gerar experiências para outros jornalistas que ainda não tiveram uma vivência assim?

Sendo assim, para que tais questionamentos sejam, pelo menos em parte, respondidos, buscamos entender como os profissionais administraram um ambiente tomado pelo drama e de que forma colocaram em prática o papel do jornalista de “domar o selvagem, colocar ordem nas coisas, conhecê-las, nomeá-las, explicá-las e consensualizá-las para poder assimilá-las.” (MOTTA, 2002, p. 7). Além disso, também buscamos entender quais foram os aprendizados que esses profissionais tiveram a partir da cobertura do incêndio na Kiss.

3.3 PRODUÇÃO DOS VÍDEOS

Os vídeos estão divididos em 5 títulos: os registros de uma tragédia; a cobertura ao vivo da tragédia; a relação com as fontes da tragédia; a relação de assessores de comunicação e repórteres; e a relação entre familiares e jornalistas.

3.3.1 Captação de vídeo e som

Os vídeos foram gravados na posição vertical e com o uso de um *iPhone 6s*. A ideia é que esses vídeos sejam consumidos em aparelhos móveis como *tablets*, computadores de mão e outros celulares, por isso a opção pela verticalidade. Como a intenção é de que os vídeos circulem pelas redes sociais e em dispositivos móveis, optamos por realizar com o celular gravando nessa orientação. De acordo com as métricas de alcance e difusão do Facebook, vídeos gravados na vertical, depois de publicados, também têm maior projeção nas linhas do tempo dos usuários.

A captação de áudio foi feita a partir do próprio aparelho ou com o auxílio de um microfone externo que vem adaptado ao fone de ouvido do aparelho. A duração média dos vídeos é de 5 minutos.

3.3.2 Edição de texto e vídeo

A edição de texto foi feita de acordo com trechos que mais cumpriram com o propósito do trabalho: compartilhar as experiências de cobrir uma tragédia. Por outro lado, a edição de imagens conta com caracteres que informam o título do projeto e o título do vídeo. O programa utilizado foi o *Adobe Premiere*.

3.4 OS ENTREVISTADOS

As entrevistas tiveram duração de cerca de 20 minutos. Cada uma foi direcionada para a relação que as fontes tinham com a tragédia. Pensamos previamente em um esboço com possíveis perguntas para cada entrevista.

Os entrevistados são três profissionais da imprensa que trabalharam na cobertura da tragédia na boate Kiss; a coordenadora geral da área de comunicação da UFSM, que trabalhou a mediação de conflitos com os repórteres na época do incêndio; e os pais de uma vítima. Para a montagem do roteiro de entrevistas, levou-se em conta o lugar que cada fonte ocupava na época da tragédia. As gravações foram marcadas nos locais que os entrevistados indicaram como mais confortáveis para dar os relatos.

3.4.1 Carolina Carvalho

A jornalista Carolina Carvalho é formada pela Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2005. Atualmente, ela trabalha como repórter do jornal Diário de Santa Maria – mesma função que ocupava na época da tragédia da Kiss, em 2013. Carolina reportou os desdobramentos e as consequências do incêndio na boate durante todo o domingo da tragédia e também nos dias subsequentes. No vídeo ela fala acerca do relacionamento dos jornalistas com os familiares da tragédia.

3.4.2 Elisângela Mortari

Elisângela Mortari é professora de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria. Durante a tragédia da Kiss, ela atuava como a coordenadora geral da área de comunicação da UFSM. Elisângela foi responsável por atender veículos de comunicação do mundo inteiro, que buscavam informações acerca da assistência às vítimas, da rotina dos estudantes que sobreviveram ou daqueles que perderam colegas e amigos, e também mediou conflitos entre a Instituição e as equipes de reportagem – assuntos que aborda na gravação.

3.4.3 Juliana Motta

A jornalista Juliana Motta é formada pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Juliana trabalhava como repórter da RBS TV Santa Maria durante o incêndio na casa noturna da cidade. Ela fez parte de uma das primeiras equipes de jornalismo que chegaram ao local do incêndio. Juliana conta como foi o desafio de informar ao vivo durante todo o dia as atualizações do incêndio, na programação da Rede Globo e da afiliada RBS TV.

3.4.4 Oneide Moura

Oneide Moura é cinegrafista da RBS TV Santa Maria. Trabalha no Grupo RBS há 35 anos. No dia da tragédia, foi um dos primeiros profissionais de imprensa a

chegar à boate Kiss. Foi ele quem avisou a coordenação de jornalismo da emissora acerca da gravidade do incêndio. Ele ressalta a importância de avaliar as condições de um local de caos antes mesmo da equipe de reportagem começar a atuar.

3.4.5 Ligiane Righi da Silva e Flávio Silva

Ligiane Righi da Silva é mãe de Andriele, uma das vítimas da tragédia na boate Kiss. Desde o incêndio, atua ativamente na Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, e se relaciona quase que diariamente com a imprensa.

Flávio Silva, esposo de Ligiane, é pai de Andriele e vice-presidente da Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria. Deu a primeira entrevista na televisão falando acerca da morte da filha. Desde então, coopera com jornalistas do mundo inteiro durante as produções de pautas sobre a tragédia em Santa Maria.

4 O QUE APRENDER COM A COBERTURA DO CASO KISS?

4.1 REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO

O primeiro desafio foi projetar de que maneira e em qual formato esse trabalho seria realizado. No começo, o material seria um documentário audiovisual que traria o depoimento desses profissionais da imprensa que atuaram na cobertura da tragédia. Posteriormente, pensamos que uma forma de experimentar no universo do audiovisual seria com vídeos gravados a partir de um *smartphone*. Dessa forma, definimos que o produto² seria vídeos feitos com celular e sem os recursos tradicionais na captação audiovisual como microfones, câmeras e suas lentes, rebatedores, iluminações artificiais e outros equipamentos da área. Se por um lado a captação com um dispositivo móvel possa parecer mais fácil, por outro, ela impõe empecilhos que com equipamentos profissionais dificilmente existiriam.

As barreiras de se gravar vídeo com um *smartphone* podem, inclusive, gerar problemas na hora da captação ou finalização. É natural que entrevistas tenham uma duração mais expressiva – principalmente por se tratar de um tema que possui diferentes pontos de vista e possibilidades de respostas e explicações. Nesse sentido, é fundamental que se tenha um celular com memória disponível para viabilizar a gravação. Nesse ponto, um dos principais problemas é a captação ser interrompida porque a memória do aparelho não tem mais capacidade de armazenamento. Esse foi um dos problemas que enfrentamos. O *smartphone* usado não tinha muita memória, e nem a capacidade de ampliá-la. A alternativa usada foi apagar todos os arquivos e aplicativos para fazer as captações. Um vídeo feito na qualidade padrão da *Apple* grava, em um minuto, 130 *megabytes*, em alta definição, a 30 *frames* por segundo. Isso significa que é preciso ter pelo menos 1 *gibabyte* livre na memória para gravar 10 minutos de vídeo.

Uma das experimentações foi gravar com o aparelho na vertical para que seja mais adequado aos dispositivos móveis. Temos conhecimento a respeito da discussão sobre a verticalidade da imagem, porém, entendemos que não se trata de pensar em qual posicionamento é certo ou errado. Compreendemos que a posição

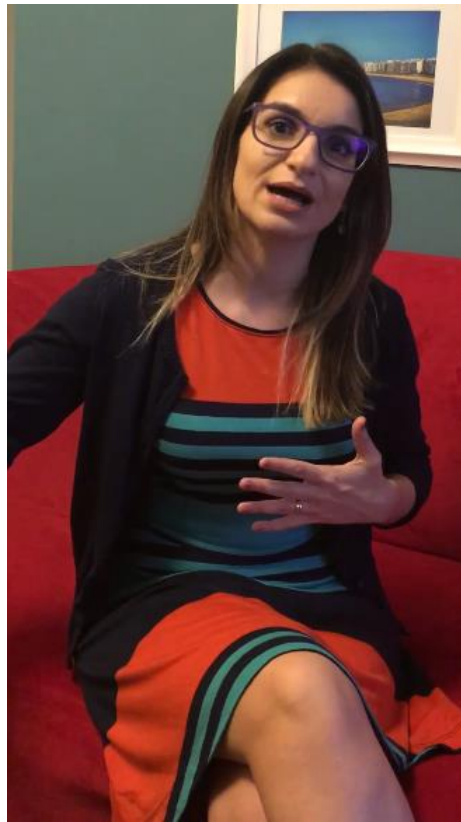
² “O que aprender com a cobertura do caso Kiss” está disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1JQHC8Ww1IBMdA0lleDQRqWtyCHBBnAaY>

vertical ainda provoca um estranhamento, já que todos nós estamos mais acostumados com a horizontalidade da televisão. No entanto, considerando o aspecto experimental do projeto, e a ideia de que o conteúdo fosse consumido em tela cheia nos dispositivos móveis e dialogasse com outros produtos que nascem e se projetam diretamente pelo universo digital móvel, mantivemos a opção pela verticalidade.

Esse tipo de captação gera um estranhamento tanto para quem é gravado quando para quem grava. É, sem dúvidas, um dos maiores desafios o de gravar na vertical. Alguns entrevistados até se surpreenderam com o fato de ser apenas um telefone. A pergunta “e vai ficar bom?” foi frequente durante as gravações. Sendo assim, refletimos que é preciso, de certa forma, ressignificar o modo de gravação, não só do ponto de vista da aceitação por parte das pessoas envolvidas, mas também em relação a questões técnicas.

Um dos pontos que observamos diz respeito ao enquadramento. Na vertical, o espaço visível, ou seja, focado pela câmera é menor se comparado com o do horizontal. Logo, foi preciso alertar os entrevistados dessa especificidade e pedir que eles não se mexessem muito para não “saírem do vídeo”. Mesmo assim, em alguns casos, essa orientação inicial não foi suficiente. Porém, pensamos que ao interromper o entrevistado, poderíamos prejudicar o raciocínio e a naturalidade da gravação. Por isso, preferimos deixar de lado o rigor técnico do enquadramento e privilegiar o conteúdo. Na prática, por vezes, isso representou mãos e braços excedendo o espaço de gravação, ou seja, sendo “cortados do vídeo”, como é possível analisar na Figura 1.

Figura 1 – Plano de entrevista com enquadramento fechado



Fonte: Reprodução série de vídeos “O que aprender com a cobertura do caso Kiss?”

Sendo assim, cada vídeo tem um enquadramento diferente. Para que não se perdesse o foco do entrevistado, alguns são mais abertos, outros sobram espaços na parte de cima ou aos lados. Dependendo do cenário em que cada entrevistado estava, foi necessário também adequar o recuo de câmera. Na edição, a partir do redimensionamento de escalas, também houve uma readequação do enquadramento, pois foi necessário usar desse recurso para que os cortes não ficassem tão bruscos. Dessa forma, refletimos que captar com o celular na vertical requer um diálogo mais próximo com a fonte e também uma considerável organização prévia de quem está gravando.

Além do momento da entrevista, também houve a gravação de imagens de apoio. São cenas que mostram os entrevistados trabalhando, mexendo com seus livros e em deslocamento para o local da entrevista. Nosso objetivo com essa captação é de dinamizar o vídeo e mostrar o entrevistado realizando ações em

ambientes diferentes do enquadramento da entrevista. Como para veicularmos os trabalhos realizados por esses profissionais seria necessária uma autorização das empresas jornalísticas – que pode levar meses até ser conseguida – optamos por usar desse recurso para não deixar o vídeo apenas com um cenário. Ainda salientamos que a gravação dessas imagens de apoio também ficou restrita à capacidade de memória do *smartphone*. Todos os apoios foram feitos após as entrevistas.

Durante este trabalho, captamos o material com o auxílio de um tripé em três vídeos, e, em outros dois, com o celular na mão. O tripé é sempre um grande descanso quando se grava no padrão 16x9 (horizontal). No entanto, para gravações na vertical, o celular na mão dá mais agilidade e sutileza no movimento para enquadrar o entrevistado sempre que ele sair do lugar combinado.

A captação do áudio também é um quebra-cabeça na hora de gravar em ambientes amplos ou muito ruidosos. Nesse sentido, é praticamente impossível usar o áudio do microfone embutido do celular. Até mesmo o ruído emitido pelos condicionadores de ar pode prejudicar a gravação. Em alguns casos, pedimos que o aparelho fosse desligado; em outros, captamos o áudio com o microfone do fone de ouvido. Porém, em algumas situações, o fio do fone não alcança no entrevistado, em outras ele acaba aparecendo no vídeo. Sendo assim, uma das poucas soluções é gravar o áudio em outro aparelho que pode ser até mesmo um celular extra. Depois é preciso sincronizar o áudio com o vídeo na edição.

Pensamos, em um primeiro momento, que os vídeos poderiam ser editados também no celular. No entanto os aplicativos testados não comportavam o tamanho dos arquivos de vídeo ou não se mostraram eficientes para a edição desse material. Sem opção, foi necessário fazer a edição no computador usando o aplicativo *Adobe Premiere*. Em função dessa limitação, não conseguimos colocar em prática nosso projeto inicial de fazer todo o processo com *smartphone*.

É preciso pensar bem para ter noção de onde fica melhor adicionar informações de texto no vídeo. A colocação dos créditos das fontes nos pareceu um pouco deslocada. A solução encontrada, neste produto, foi que os próprios entrevistados fizessem suas apresentações. Outros créditos foram colocados em um intervalo com tela preta durante a exibição das imagens de apoio. Todos os caracteres dos vídeos estão no meio da tela – diferente de como somos

acostumados a ler no padrão horizontal em que praticamente todas as informações de texto ficam no rodapé do vídeo.

Outra opção foi utilizar trilhas sonoras no início e no encerramento dos vídeos. As músicas foram baixadas da biblioteca pública do *YouTube*. Nosso objetivo com essa ação foi dinamizar o produto e criar uma identidade sonora. Além disso, a intenção também foi criar um padrão entre as produções. Todos os vídeos têm a mesma trilha sonora no início e no fim, quando aparecem declarações por parte dos entrevistados resumindo a ideia dos vídeos.

A edição finalizada tem um padrão lógico de continuidade. Quatro dos cinco vídeos da série têm o seguinte roteiro: imagens de apoio do entrevistado cobrindo os primeiros, em média, 30 segundos da gravação – parte que se resume o tema do vídeo; após, o entrevistado segue aparecendo até os momentos finais do material – quando voltam as imagens de cobertura. O único vídeo que não segue este padrão é o com o cinegrafista Oneide Moura. Nosso objetivo, no caso, foi testar como ficaria a gravação com o entrevistado em deslocamento – situação comum durante coberturas que muitos jornalistas têm feito com o celular. Além disso, o propósito era observar, na narrativa e no formato, se a mensagem seria entregue da mesma maneira. De forma geral, acreditamos que o vídeo tenha conseguido transmitir a mensagem que se propôs, porém com esse diferencial do movimento.

Outra experimentação foi a de deixar a referência à boate Kiss somente na fala dos entrevistados. Nossa intenção, durante os vídeos com os profissionais, era ressaltar o aspecto testemunhal, centrar mais na pessoa e em sua experiência profissional. Usamos imagens da fachada da casa noturna, imagens da tenda de vigília que fica na Praça Saldanha Marinho, em Santa Maria, RS, e fotos das vítimas, apenas no vídeo em que aparecem os pais Ligiane Righi e Flavio Silva, já que o casal foi entrevistado nesses locais.

4.2 O QUE PODEMOS APRENDER COM A COBERTURA

Com base nas entrevistas dos profissionais que trabalharam na cobertura e dos pais de uma das vítimas, elencamos alguns pontos vistos por eles como aprendizados decorrentes da tragédia.

4.2.1 A necessidade de aprendizado na academia

Para os profissionais entrevistados, a cobertura de uma tragédia é sempre um dos extremos do trabalho jornalístico. Em muitos casos, é durante esse tipo de acontecimento que o profissional precisa usar ao máximo de suas capacidades intelectuais e até mesmo físicas. A estabilidade emocional é um dos fatores que precisa ser levado em conta durante o tempo de permanência no local ou com os desdobramentos dos fatos. No entanto, é unânime entre os entrevistados a afirmação de que é praticamente impossível estar preparado para uma cobertura de tragédia. Segundo eles, uma tragédia mexe com todos os sentidos da sociedade e da própria equipe de reportagem. No entanto, é possível que se pense a gestão de ações durante uma cobertura desse tipo. Um dos temas levantados durante as entrevistas dá conta de que há uma carência em pensar a cobertura de tragédias na academia – durante a formação dos jornalistas. Sendo assim, esses profissionais acreditam que a preparação para administrar reportagens em ambientes de caos se dá com a própria experiência de trabalhos antecedentes.

4.2.2 A importância das experiências anteriores

É comum que os jornalistas estejam em ambientes com forte carga emocional ou situações dramáticas que envolvam mortes. Durante sua atuação, porém, uma situação de tragédia seria a amplificação máxima de todos os trabalhos árduos anteriormente realizados. A experiência com outras reportagens faz, naturalmente, com que o profissional seja mais desenvolvido na hora de realizar o trabalho. Nesse sentido, é possível notar, justamente pelo fato de que tragédias acontecem com menor frequência, que é preciso que o profissional faça o uso de suas capacidades para administrar a situação. E mesmo sendo um repórter com larga experiência ou sem tanta bagagem, nesses casos, é sempre hora de se valer da ética, bom-senso e das experiências de vida.

4.2.3 Desafios durante a cobertura

A tragédia na boate Kiss fez com que profissionais de pequenos jornais locais

de Santa Maria falassem para a imprensa internacional. É neste momento que, para os entrevistados, o jornalista se afirma como um grande mediador dos desdobramentos da tragédia. Embora pareça um pouco vago a um trabalho científico, o bom senso é fundamental em um momento de tragédia. É preciso ter autocontrole, respeito com as vítimas e com os familiares delas. Ao chegar um ambiente de caos, a equipe precisa estar ciente de que não corre riscos e que não vai colocar ninguém mais em situação de perigo só para garantir um depoimento ou uma imagem. Os profissionais destacam como imprescindível: apurar as informações necessárias; estar sempre em contato com editores ou superiores quando algo fora do esperado surgir; não burlar regras de segurança para fazer algum registro; aguardar o momento minimamente mais ameno para realizar ou fazer objeções; ponderar a decisão dos outros integrantes da equipe; e sempre respeitar o desejo de dar entrevistas ou não por parte de familiares ou sobreviventes.

4.2.4 Cuidado e respeito com os entrevistados

O trato com familiares de vítimas ou sobreviventes requer, imprescindivelmente, ética. Se o ambiente da tragédia é extremo para a equipe de reportagem, para os familiares das vítimas é desolador. Sempre que seja necessário entrevistar, o ideal é fazer uma conversa prévia, entender a relação daquela pessoa com a tragédia, avaliar se ela tem condições de dar uma entrevista e respeitar as recusas. A cobertura da tragédia da Kiss foi marcada por relatos de sobreviventes. Em geral, as testemunhas podem informar o que aconteceu e até mesmo ajudar equipes de resgate, familiares e a população a entender o que aconteceu. No entanto, por mais que elas queiram contribuir, podem estar feridas ou precisando de algum tipo de ajuda urgente. Nesse sentido, o repórter precisa identificar a situação de exposição da fonte, de outras vítimas e dos familiares. As imagens também precisam ser analisadas antes da veiculação para não expor as vítimas e imputar a elas e a seus familiares um sofrimento ainda maior.

Podemos perceber que, para os profissionais, a entrevista durante a tragédia é necessária para humanizar o acontecimento. Na Kiss, foram 242 mortos. É por meio do relato de familiares de vítimas e de sobreviventes que o número se

transforma em gente e dá a dimensão dos fatos. Nesses casos também é importante que o repórter pondere a situação e se coloque, quando necessário, com uma testemunha ocular dos acontecimentos – isso para passar com exatidão o cenário do caos. Mas essa ação também precisa ser feita com muita cautela, certeza das informações, bom senso e ética.

4.2.5 Impacto da tragédia nos entrevistados

A cobertura da tragédia da Kiss também sugeriu mudanças nas vidas dos profissionais da imprensa que trabalharam no caso. Todos dizem ter ressignificado o modo de olhar a notícia, o jornalismo e até mesmo questões pessoais. Os relatos dão conta que até mesmo a dimensão de outros acontecimentos ficou um pouco alterada, porque após a cobertura de uma tragédia tão grande como a do incêndio na casa noturna de Santa Maria, todos os outros fatos que ocorriam pareciam não ter tanta relevância como antes. Foi preciso realinhar junto às equipes das redações como as notícias seriam tratadas a partir daquele momento. Um dos modos encontrados foi dar outras notícias, mas também seguir atualizando as informações sobre a tragédia da Kiss. Ação que segue até agora, passados quase 6 anos do incêndio.

Para além da perspectiva profissional, os entrevistados também relataram as mudanças ocorridas em suas vidas pessoais depois da Kiss. Alterações de planos de vida, mudança de opiniões sobre alguns temas familiares, resgate de sentidos, metas, e também a possibilidade de novos rumos na vida profissional.

4.2.6 O que, afinal, aprendemos?

Os entrevistados são unânimes em afirmar que a cobertura da Kiss os ensinou em tempo real a fazer o jornalismo da urgência – enfrentando os desafios da apuração e da pressão do tempo. Os ensinamentos de participar da cobertura da maior tragédia do estado do Rio Grande do Sul foram levados para outros trabalhos. Uma das lições pode ser que uma tragédia precisa ser contada com relatos de quem tem algum tipo de vínculo com a situação porque é preciso humanizar o acontecimento – mas para fazer isso também é preciso de muito bom senso e ética

por parte do repórter. A dor precisa ser veiculada, mas antes disso deve ser respeitada pela equipe que está, mesmo no caos, em uma condição de neutralidade, afinal são, na maioria das vezes, pessoas desconhecidas que sofrem a perda de alguém ou a vivência traumática. Uma simples pergunta, mesmo antes da gravação, pode constranger ou até chocar ainda mais um familiar desolado – por isso a importância de dar atenção ao modo como se aborda o entrevistado. Aprendeu-se também que embora todos queiram novas informações, a veiculação destas só pode ser feita mediante a confirmação – mesmo que seja preciso entrar no ar para dizer que ainda se buscam novos dados e a confirmação de algumas declarações. Usar termos que remetam à situação de que ainda se está apurando – como “as informações preliminares dão conta que...”, dentre outros termos, são alternativas para contornar uma situação em que a instabilidade e a incerteza são constitutivas do acontecimento.

Aos novos repórteres, os jornalistas entrevistados afirmam que, embora não seja possível estar completamente preparado para cobrir uma situação trágica, é possível se informar sobre como atuar nessas condições. Livros, documentários e as próprias coberturas disponíveis em sites ou em jornais dão um bom caminho para quem ainda não teve essa experiência. No entanto, é preciso estar ciente que uma tragédia pode acontecer em qualquer região ou cidade. E é neste momento que esse jovem repórter deve mostrar seu profissionalismo. E quando não souber o que fazer, o ideal é entrar em contato com os editores e agir sempre com ética, respeito e empatia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um material que registre o relato dos profissionais que trabalharam em uma das maiores coberturas de tragédias do Brasil é uma grande oportunidade de aprender com a experiência do outro. A execução deste projeto passou por muitas etapas. A princípio, a ideia era realizar um documentário audiovisual com o mesmo objetivo. No entanto, acreditamos que a experimentação estava em como que esse material seria captado e compartilhado. Dessa forma, optamos por fazer vídeos gravados com um *smartphone*, pensados para o consumo em dispositivos móveis, e por isso, gravados na orientação vertical.

A dificuldade encontrada na execução deste projeto foi justamente no segmento em que ousamos experimentar. Pouco se encontrou em artigos, na internet e em conversas com outros profissionais sobre como captar os vídeos com o celular na vertical. O modo de captação, aparentemente simples, trouxe-nos uma série de questões para refletir. Precisamos pensar as formas mais adequadas de captar o áudio, gravar o vídeo e ainda orientar os entrevistados sobre as diferenças dessa captação. De modo geral, consideramos válida a experimentação, ficando o resultado próximo do que esperávamos. No entanto, temos consciência de algumas limitações que impactaram no resultado final dos vídeos, como a reduzida capacidade de memória do *smartphone* utilizado, a falta de uniformidade no enquadramento dos vídeos e a presença do fio do microfone na imagem em alguns casos, por exemplo. Por outro lado, compreendemos que tudo isso faz parte do processo de experimentação, o que para nós também representou uma possibilidade de aprendizado.

Do ponto de vista do conteúdo, acreditamos que o projeto contribuiu para a reflexão a respeito das dificuldades, dos desafios e dos aprendizados a partir da experiência de quem passou por uma cobertura de tragédia. Também acreditamos que, por se tratar de um acontecimento em nossa cidade, temos a obrigação, de certa forma, em aprender com a tragédia. Nesse ponto, compreendemos que o material pode ajudar estudantes e profissionais a refletirem sobre as práticas jornalísticas em momentos tão desafiadores como as coberturas de catástrofes. Nesse sentido, a produção deste material ainda nos mostrou a importância de registrar esses relatos para que não sejam esquecidos com o passar do tempo.

O trabalho também nos mostrou a importância do aspecto humano de uma tragédia. Observamos que a cobertura da tragédia na boate Kiss exerce muita influência sobre os profissionais que trabalharam no caso - bem como nas pessoas que foram entrevistadas pelos profissionais da imprensa. Além disso, o trabalho nos possibilitou fazer um contraponto entre as partes envolvidas na cobertura e nos transtornos que o incêndio trouxe para ambos os lados: os jornalistas e os familiares.

Por conseguinte, acreditamos que ao relacionar o jornalismo, a importância do relato dos profissionais e a possibilidade de experimentação, o produto cumpriu com a missão proposta para este projeto. O objetivo agora é de divulgar o conteúdo para cursos de jornalismo, estudantes, redes sociais e blogs temáticos sobre jornalismo. Acreditamos que assim podemos sugerir aos novos profissionais um ponto de partida, ou pelo menos um incentivo à reflexão, sempre que eles se depararem com uma situação dramática que tencione as técnicas jornalísticas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia. **A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos**. Unisinos, Porto Alegre, 2013.
- AZAMBUJA, Grace Kelly Bender. **As tecnologias móveis de comunicação e as apropriações pelos "Repórteres de Ocasão": novas dinâmicas emergentes nos espaços públicos**. In: VII SBPJor (CD-ROOM). São Paulo-SP/Brasil, novembro de 2009.
- BRAGINSKI, Ricardo. **Celulares, los suportes del periodismo digital móvil**. In: "Periodistas online". Buenos Aires, Argentina, junho-julho 2004. Disponível em: . Acesso em: 14 set. 2014.
- CASADEI, Eliza Bachega. **Como contar os fatos: a história da narrativa do jornalismo de revista do século XX**. São Paulo: Alameda, 2014.
- GOMES, M. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker/EDUSP, 2000.
- LEAL, Bruno; LAGE, Igor. **A retórica testemunhal em narrativas da Trip, Tpm e Rolling Stone**. UFMG, 2015.
- LELO, Thales; MAIA, Marta. **O diálogo possível em entrevistas midiáticas: a evidência da experiência social na circularidade da relação**. UFOP, Mariana, 2010.
- MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.
- MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. et al. *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. O trabalho simbólico da notícia. In: **XII ENCONTRO NACIONAL DA COMPOS**, Recife, Pernambuco – Junho 2002.
- PAIVA, Cláudio; NETO, José; SANTOS, Raissa. **Um olhar sobre o jornalismo móvel: a forma e o estilo do reportágio**. Âncora, João Pessoa, 2016.
- PERES, A. C. **Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 31, p. 92-104, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120913>
- PETERS, J. Witnessing. In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A (orgs.). **Media witnessing**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Arte e experiência. **Revista de Comunicação e Linguagem**, Lisboa, n.12/13, p. 25-33, 1991.

SELLIGMAN-SILVA, M. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.** In: Revista de Psicologia Clínica, vol. 20, n. 1, Rio de Janeiro, p. 65-82, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acessado em: 12 jun. 2018.

SERELLE, M. Jornalismo e guinada subjetiva. **Estudos em jornalismo e mídia.** Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 33-44, 2009.

SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo e tecnologias portáteis na cultura da mobilidade: tipologias para pensar o cenário.** In: SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos A.i. (Org.). Produção e Colaboração no Jornalismo Digital. 1aed. Florianópolis: Editora Insular, 2010, v. 1, p. 149-166.

SODRÉ, M. 2009. **A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 287 p.

VÄÄTÄJÄ, Helo; MÄNNISTÖ, Anssi; VAINIO, Teija; JOKELA, Tero. **Understanding userexperience to support learning for journalist's work.** IN: GUY, Retta. The evolution of mobile teaching and learning. Santa Rosa-Califórnia: InformationScience Press, 2009.